



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**FRANCIELLY KAROLLAYNE GOMES DA SILVA
LUANNA EMANUELLY MARTINIANO DOS SANTOS**

AVALIAÇÃO COMO PROCESSO DE AUSCULTA

Maceió
2024

FRANCIELLY KAROLLAYNE GOMES DA SILVA
LUANNA EMANUELLY MARTINIANO DOS SANTOS

AVALIAÇÃO COMO PROCESSO DE AUSCULTA

Artigo científico apresentado como exigência parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas.

Orientador/a: Ana Carolina Faria Coutinho Gléria

Maceió
2024

FRANCIELLY KAROLLAYNE GOMES DA SILVA
LUANNA EMANUELLY MARTINIANO DOS SANTOS

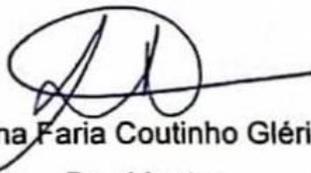
AVALIAÇÃO COMO PROCESSO DE AUSCULTA

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 12/11/2024.

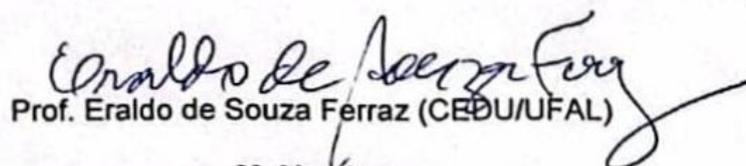
Orientador/a: Profa. Dra. Ana Carolina Faria Coutinho Gléria (CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora



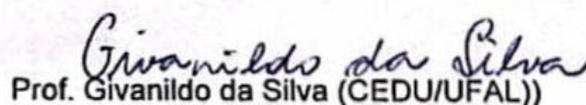
Profa. Ana Carolina Faria Coutinho Gléria (CEDU/UFAL)

Presidente



Prof. Eraldo de Souza Ferraz (CEDU/UFAL)

2º. Membro



Prof. Givanildo da Silva (CEDU/UFAL)

3º. Membro

Maceió
2024

AVALIAÇÃO COMO PROCESSO DE AUSCULTA

Francielly Karollayne Gomes da Silva (UFAL)

E-mail: francielly.silva@cedu.ufal.br

Luanna Emanuely Martiniano dos Santos (UFAL)

E-mail: luanna.santos@cedu.ufal.br

RESUMO

O presente escrito disserta a respeito do processo de avaliação de maneira a interligá-lo ao ato de auscultar. Para tanto, é exposto o resultado de uma pesquisa realizada com 32 profissionais da educação do Ensino Fundamental, nos municípios Alagoanos de São Luís do Quitunde e Teotônio Vilela, como também, salienta-se a problemática no que diz respeito à forma como os professores dos anos iniciais avaliam seus estudantes, relacionando com o ato de auscultar. Traçamos como objeto principal: compreender como se dá o processo de avaliação. E, como objetivos específicos: investigar como os professores dos anos iniciais de escolas públicas municipais da cidade de São Luís do Quitunde e Teotônio Vilela percebem essa temática; conhecer as concepções que esses professores possuem sobre a realização de avaliações em situações de ensino-aprendizagem dos alunos. Com a análise dos dados obtidos na pesquisa de campo, foi possível observar que, em contexto geral, a avaliação como processo de auscultar não é muito utilizada, uma vez que grande parte dos professores ainda está presa a exames de caráter autoritário e classificatório.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação. Exame. Aprendizagem. Auscultar.

1 INTRODUÇÃO

Este texto busca integrar duas áreas de conhecimento: a saúde e a educação. Embora distintas, essas profissões compartilham características fundamentais. Na saúde, o profissional avalia seus pacientes para gerar um diagnóstico; na educação, o processo é semelhante, pois o educador também avalia seus alunos e, a partir dessa análise, atribui um diagnóstico educacional. Com base nessa premissa, o termo “auscultar” surge como uma metáfora que conecta e contextualiza o processo de

avaliação escolar, destacando a importância de ouvir e compreender atentamente as necessidades e respostas dos alunos, assim como o médico faz com seus pacientes.

Nesse sentido, apresentamos como problema de pesquisa o seguinte questionamento: como os professores do ensino fundamental estão realizando a avaliação em situações de ensino aprendizagem? Para responder a essa pergunta, traçamos como objetivo principal: compreender como se dá o processo de avaliação, tendo em vista as diversas maneiras de realizar o acompanhamento ou “coleta” dos conhecimentos adquiridos num determinado período, como objetivos específicos: (I) investigar como os professores dos anos iniciais de escolas públicas municipais da cidade de São Luís do Quitunde e Teotônio Vilela percebem essa temática, a partir de um estudo exploratório, assim também como (II) conhecer as concepções que esses professores possuem sobre a realização de avaliações em situações de ensino-aprendizagem dos alunos.

Como critério de inclusão para participar da pesquisa, os educadores deveriam estar trabalhando com alunos do ensino fundamental, no período da realização da coleta de dados, realizada no segundo semestre do ano de 2023 . A pesquisa teve como público alvo 32 professores do ensino fundamental dos municípios alagoanos de São Luiz do Quitunde e Teotônio Vilela, os profissionais aceitaram participar do estudo voluntariamente e sem qualquer tipo de identificação. Os dados foram coletados por meio de um questionário.

O presente escrito, é constituído por uma introdução ao Tema, a qual é apresentada a ideia central, assim também como os objetivos da pesquisa, em seguida um tópico referente as considerações sobre o ato de avaliar, adiante, avaliação e exame, mais a frente encontra-se o tópico principal da pesquisa: Avaliação como processo de ausculta, em seguida concepções dos professores sobre avaliação, e por fim, as considerações finais.

Para auxiliar a análise da pesquisa de campo, utilizamos um estudo exploratório com base teórica nos autores Charles Hadji (2001), Cipriano Carlos Luckesi (1998), Jussara Hoffmann (1991), Paulo Freire (1981) e Morin (2014). A técnica de análise utilizada foi a Análise Textual Discursiva – ATD (Moraes; Galiuzzi, 2016), que, segundo os autores, opera com significados construídos a partir de um conjunto de textos a que o analista precisa atribuir sentidos e significados.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ATO DE AVALIAR

Segundo Luckesi (1998), a avaliação é uma análise qualitativa de dados do processo de ensino aprendizagem, que auxilia o educador a tomar decisões sobre seu trabalho. Essa análise pode ser feita através de dados obtidos em provas, tarefas, respostas dos alunos e diversas outras formas, para que se possa chegar a um diagnóstico. Assim, o educador poderá, então, ter um controle sobre como está a aprendizagem de seus alunos e buscar formas de melhorá-la. Jussara Hoffmann, em uma entrevista para o Mundo Jovem em 2014, destacou que o avaliador intervém, provoca e pode fazer com que o aluno melhore ou piore, logo, o avaliador seria um mediador. Para ela, a avaliação é altamente subjetiva.

Sendo assim, avaliar é um processo de análise e investigação da aprendizagem, que deveria ter um caráter qualitativo e emancipatório, tendo em vista também as subjetividades dos alunos. Os educadores devem ser agentes mediadores, que utilizam a avaliação como uma forma de melhorar, de promover o ensino e a aprendizagem. Também é importante destacar que durante o processo de avaliação, não é só o aluno que deve ser avaliado.

Segundo Libâneo (2013), o processo de avaliação não é apenas para o aluno ser avaliado, uma vez que também se trata de uma forma de autoavaliação para o professor. Ao pesquisar e analisar as formas de avaliação usadas pelos professores, tendo como base as experiências vividas pelos pesquisadores do presente artigo, percebemos que, em algumas escolas, há professores com fama de professor “temido”, o que se dá por diversos fatores, como: ser muito rígido e trabalhando quase sempre com exames muito difíceis.

Assim, é importante entender que, segundo Libâneo (2013):

A avaliação é um ato pedagógico. Nela o professor mostra as suas qualidades de educador na medida em que trabalha sempre com propósitos definidos em relação ao desenvolvimento das capacidades físicas e intelectuais dos alunos face às exigências da vida social (Libâneo, 2013, p. 225).

Sendo assim, a avaliação deveria ser tanto do estudante, quanto do professor, e não um momento para colocar os estudantes “à prova”, literalmente e metaforicamente falando. Ter uma sala de aula, em sua maioria, à beira da reprovação não deve ser compreendido como algo satisfatório, nem ser a desculpa de que os estudantes não prestam atenção ou não têm capacidade, ou que o erro está somente neles, transferindo, assim, a culpa somente para os estudantes. Em situações como essa, em que uma turma tem altos índices de reprovação, faz-se

necessária uma reflexão, por parte do docente, acerca de todo o processo de ensino-aprendizagem. Por esse motivo, a avaliação serve, também, para o professor se autoavaliar e buscar formas de melhorar sua prática pedagógica.

Para Freire (1981) “Não se mede o estudo pelo número de páginas lidas numa noite, ou pela quantidade de livros lidos num semestre”. Sendo assim, é lícito ressaltar que da mesma maneira que não se mede o conhecimento pelo número de livros/páginas lidos, também não é possível medir o conhecimento apenas pelo resultado de uma prova.

A aprovação ou reprovação de um aluno exige um diagnóstico minucioso, e a avaliação como um processo de ausculta, é aquela que busca ir além de uma nota, enxergar o estudante de forma completa, observando não apenas sua vida escolar, mas também sua vida familiar, de maneira a compreender os resultados e buscar caminhos para um desenvolvimento integral da criança.

3 AVALIAÇÃO E EXAME

Luckesi (1998) destaca que a escola pratica mais exames que avaliação, e que existe um grande equívoco entre examinar e avaliar. Isto é, existem diferenças entre examinar e avaliar, que ele divide em diferentes contextos. O de temporalidade, os exames estão voltados para o passado e a avaliação para o futuro, ou seja, é esperado que o aluno manifeste aquilo que já aprendeu, sendo classificado com base nessa aprendizagem, podendo ser premiado - que seria a sua aprovação - ou castigado com a reprovação.

Já ao avaliar, o educador concentra-se no presente e se volta também para o futuro. Existe um interesse na investigação do desempenho atual do educando, por isso é importante o diagnóstico do que o estudante já aprendeu, mas também do que ainda precisa aprender. Luckesi (1998) argumenta que os exames estão aprisionados nos problemas, enquanto a avaliação tenta solucioná-los. Nesse sentido, é possível perceber que o educador, em muitos momentos, fica preso aos problemas que aparecem; na avaliação, por sua vez, esses problemas não aprisionam, pois busca-se soluções. Nessa seara, os exames se concentram no produto final e a avaliação consiste em acompanhar todo o processo educacional.

Luckesi (1998) destaca que:

Observando o que acontece com esses dois modos de agir – examinar e avaliar a aprendizagem -, torna-se possível estabelecer as diferenças entre eles, de tal maneira que possamos utilizar conscientemente um ou outro, sem confundi-los (Luckesi, 1998, p. 179).

Assim, fica explícito a importância de que o educador conheça as diferenças entre avaliar e examinar, para que consigam usá-las de forma consciente, como citado pelo autor. Ponderamos que o exame é uma forma de avaliar, porém não é a única, visto que existem diversas formas de avaliar o estudante. Indo de encontro a essa premissa, ainda nos deparamos com professores que acreditam e defendem que a única forma de avaliar o desempenho do estudante é o exame, sendo necessário, portanto, uma formação continuada que colabore para a desconstrução de paradigmas tradicionais em que se colocam frente ao tema “avaliação”.

Segundo Charles Hadji (2001), também é necessário, além de mostrar claramente ao aluno as expectativas, apresentar possibilidades para que ele as execute. O autor destaca ainda a importância de se colocar em prática o que foi aprendido. Deve-se encontrar a falha, não para castigar (reprovar), mas para ajudar a melhorar o processo e analisar o desempenho. Outrossim, Hadji (2001) destaca a importância de avaliar sem preconceitos e sem pressão social.

4 AVALIAÇÃO COMO UM PROCESSO DE AUSCULTA

Segundo o dicionário de língua portuguesa, auscultar significa procurar saber, investigar. Em termos médicos, trata-se do processo de escutar sons interiores do corpo humano, com o intuito de procurar anomalias e irregularidades, então, supõe-se que, se houver algo errado, o médico irá buscar uma solução para aquele problema. Contudo, para tanto, ele, o profissional da saúde, tem o cuidado de auscultar, ou seja, escutar dentro do problema. Essa é, justamente, a proposta deste artigo, uma vez que defendemos que o professor deve saber escutar o aluno por dentro do problema, investigar, analisar, buscar soluções, fazendo da avaliação um processo de ausculta.

A temática aqui apresentada deu-se por meio da tentativa de unir duas áreas de conhecimentos. A primeira, a saúde e a segunda, por sua vez, a educação. Profissões distintas, porém, com características em comum. O profissional da saúde avalia seus pacientes e gera um diagnóstico; na educação, não é tão diferente, pois o educador é incumbido de avaliar seus estudantes e, assim como na saúde, ele

deve atribuir um determinado diagnóstico. Partindo deste pressuposto, foi possível então encontrar o termo “ausculta” como uma ponte para contextualizar a avaliação escolar.

Luckesi (1998), afirma que:

Ao educador que avalia interessa investigar o desempenho presente do educando, tendo em vista o seu futuro que se expressa como a busca do seu melhor aprendizado e consequentemente desempenho. Por isso interessa-lhe ter o diagnóstico, ('o retrato') do que o estudante já aprendeu, mas também do que necessita aprender ainda, assim com lhe interessa saber, caso os resultados obtidos sejam insatisfatórios, quais os fatores condicionantes desse nível de aprendizagem – tais como: disfunção emocional do educando, carência de pré-requisitos, qualidade das atividades docentes, assim como do material didático utilizado [...] (Luckesi, 1998, p. 182).

O ato de auscultar exige daquele que executa a ação, em primeiro lugar, conhecimentos prévios para identificar o que será ouvido, em segundo, concentração, e, por fim, habilidades. Ao relacionar um médico a um professor, é possível identificar diversas semelhanças no que se refere ao ato de acompanhamento e ausculta.

Como ponto de partida, para melhor exemplificar a ausculta, de acordo com Furlan *et al.* (2021), ela se refere a uma avaliação médica, por meio da qual o médico, com o auxílio de um estetoscópio, avalia e dá o possível diagnóstico do paciente. Tomando como exemplo a ausculta cardíaca que serve para identificar ruídos e identificar o sopro, principalmente em crianças e adolescentes, é possível diagnosticar se verdadeiramente é um sopro funcional ou fisiológico (sopro inocente).

Para que tal avaliação ocorra, faz-se necessário o uso de um instrumento, denominado: estetoscópio. Trata-se de um dos instrumentos mais icônicos da medicina, que passou por transformações significativas desde o século XIX. Tendo como referência Ferraz *et al.* (2011), é possível destacar que o primeiro estetoscópio foi inventado no ano de 1816, por René Laennec, o primeiro modelo apresentava 30cm de comprimento e era chamado de “monoaural”.

Desde sua invenção, o aparelho vem passando por diversas mudanças e aprimoramentos para que melhor possa captar os ruídos e atribuir um diagnóstico com maior precisão (Souza *et al.*, 1995), e assim como ocorre com a avaliação na educação, vem se transformando e evoluindo em busca de melhores resultados. Tendo em vista que avaliação se caracteriza como um termo polissêmico, composto também por diversos instrumentos avaliativos, vale ressaltar que não são os

instrumentos/procedimentos que definem a função formativa, mas a intenção do avaliador (Hadjji, 2001).

A avaliação vai além daquilo que se pode ver ou tocar, isto é, ultrapassa os limites e adentra no corpo de maneira a captar os sons internos e chegar, assim, a um diagnóstico. O professor, por sua vez, é aquele incumbido de avaliar o aluno, assim como o médico avalia o paciente, de maneira a ir além de uma prova, além de um trabalho, enxergar o aluno como um todo, como um sujeito repleto de peculiaridades, singulares e ao mesmo tempo plurais (Morin, 2014), com histórias de vidas distintas e merecedores de olhar mais aguçado. Nessa esteira, — diferentemente dos exames, que apresentam caráter classificatórios, com o intuito de classificar e desclassificar, excluir, reprovar (Hoffmann, 1991) — os professores possam, por meio de acompanhamento, avaliar verdadeiramente seus estudantes, contribuindo assim, de forma significativa, para o desenvolvimento integral do sujeito, como também para sua emancipação.

A ausculta, entendida como a prática de ouvir atentamente e minuciosamente, pode ser comparada à avaliação escolar de várias formas. Assim como na ausculta, em que é fundamental ouvir não apenas o que é exposto, mas também compreender o contexto e as entrelinhas, na avaliação escolar, os profissionais da educação precisam ir além das respostas simples dos alunos, além do resultado de uma prova. Eles precisam avaliar não apenas o conhecimento que é visível, mas também a compreensão profunda. Da mesma forma, a ausculta envolve uma certa apreciação para captar determinados ruídos e interpretar as informações de maneira significativa, assim como na avaliação escolar, sendo fundamental considerar não apenas os resultados obtidos numa prova, mas também o processo de ensino e aprendizagem, bem como o desenvolvimento dos estudantes.

Vale ressaltar que a concepção de educação defendida e almejada é a educação integral, de maneira a valorizar o ser humano multidimensional (SEEDF, 2014). Destarte, avaliar não se resume a aplicação de testes e exames. Não menosprezando a atribuição de nota, dado que também se faz necessária, porém, ela, por si só, não se faz suficiente e democrática. Medir é apenas uma pequena parte do processo de avaliação.

5 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE AVALIAÇÃO

Ao que se refere aos professores que participaram desta pesquisa, com o objetivo de melhor contextualizar quem são, abaixo apresentamos um quadro dos colaboradores, de modo a esclarecer sua formação e instituição de ensino. Mantendo o caráter da pesquisa, e preservando a identidade dos entrevistados, cada educador será denominado pela letra P e, em seguida, o número referente a ordem de participação.

Quadro 1 – Informações sobre os colaboradores da pesquisa.

PROFESSORES/ SÉRIE DE ENSINO	FORMAÇÃO	INSTITUIÇÃO/ ANO
P1 (1º ano)	Pedagogia	FTS – 2007
P2 (1º ano)	Pedagogia (pós em psicopedagogia)	Centro Universitário Tiradentes 2012 Pós 2017
P3 (5º ano)	Letras	Anhanguera – 2005
P4 (3º ano)	Pedagogia	UNOPAR – 2003
P5 (4º ano)	Letras	UNOPAR – 2006
P6 (1º ano)	Pedagogia	Centro Universitário Tiradentes – 2016
P7 (1º ano)	Pedagogia Especializada em educação especial e inclusiva	FAT - 2003 Especialização – 2007
P8 (3º ano)	Pedagogia	FAT – 2003
P9 (5º ano)	Pedagogia	FTS – 2010
P10 (5º ano)	Pedagogia	UNOPAR – 2002
P11 (4º ano)	Letras	Anhanguera – 2012
P12 (1º ano)	Pedagogia	FAT – 2015
P13 (3º ano)	Pedagogia Especializada em gestão educacional	UNOPAR - 1998 Especialização – 2002
P14 (4º ano)	Letras	FTS – 2000
P15 (1º ano)	Letras	UFAL – 2013
P16 (1º ano)	Pedagogia	UFAL- 2000
P17 (5º ano)	Pedagogia	Anhanguera – 2001
P18 (3º ano)	Administração Especializada em gestão	FTS - 2016 Especialização – 2020

P19 (1° ano)	Pedagogia	UFAL – 2004
P20 (4° ano)	Pedagogia	UNOPAR – 2010
P21 (3° ano)	Pedagogia	UNOPAR – 2015
P22 (3° ano)	Pedagogia	UFAL – 2010
P23 (1° ano)	Pedagogia	Anhanguera – 2019
P24 (1° ano)	Pedagogia (pós em psicopedagogia)	UFAL - 2008 Pós – 2015
P25 (4° ano)	Letras	UNEAL – 2012
P26 (1° ano)	Pedagogia	UNOPAR – 2016
P27 (5° ano)	Pedagogia	UNOPAR – 2018
P28 (3° ano)	Pedagogia	UFAL – 2004
P29 (5° ano)	Pedagogia	UFAL – 2006
P30 (5° ano)	Pedagogia	Anhanguera – 2015
P31 (1° ano)	Pedagogia	UFAL – 2018
P32 (3° ano)	Pedagogia	Anhanguera – 2012

Fonte: As autoras (2023).

Como pode-se observar na tabela, dos 32 professores desta pesquisa, doze atuam no 1° ano do ensino fundamental, oito no 3° ano, sete no 5° ano e cinco no 4° ano. Quanto a formação desses profissionais, observa-se que a maioria são formados em pedagogia (27 professores), e poucos possuem especialização.

Também é possível observar que dos 32 professores apenas 8 se graduaram na UFAL e apenas 1 na UNEAL, sendo assim apenas 9 professores se graduaram em universidades públicas ou federais.

A pesquisa foi realizada de forma híbrida: presencial e online. Primeiramente, foi construído um questionário com 5 perguntas; em seguida, fomos às escolas e conversamos um pouco com os professores, que se disponibilizaram a responder ao questionário.

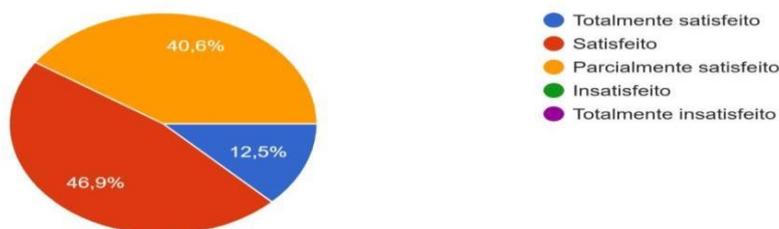
O questionário teve como base questões norteadoras relacionadas aos instrumentos avaliativos, ao grau de satisfação dos professores e à frequência em que cada profissional utiliza provas: 1° Grau de satisfação dos professores quanto

ao tipo de avaliação realizada nas escolas de São Luiz do Quitunde e Teotônio Vilela; 2º instrumentos de avaliação mais utilizados pelos professores nas cidades de São Luiz Do Quitunde e Teotônio Vilela; 3º Frequência em que a escola incentiva outros métodos de avaliação além do exame nas cidades de São Luís do Quitunde e Teotônio Vilela; 4º Frequência em que os professores utilizam “prova” como instrumento de avaliação nos municípios de São Luís do Quitunde e Teotônio Vilela; 5º Grau de aprovação dos professores quanto a forma de avaliação por ausculta nas cidades de Teotônio Vilela e São Luiz Do Quitunde.

Para os professores que não tiveram tempo de conversar conosco, o questionário foi disponibilizado de forma online. Cada gráfico representado abaixo, corresponde a uma questão da pesquisa, de maneira a melhor discorrer e analisar de forma quantitativa cada uma das respostas obtidas.

Gráfico 1 - Grau de satisfação dos professores quanto ao tipo de avaliação realizada nas escolas de São Luiz do Quitunde e Teotônio Vilela/AL – 2023.

32 respostas



Fonte: As autoras.

Analisando o Gráfico 1, constatamos que 46,9% dos professores consideram-se satisfeitos com o tipo de avaliação realizada nas escolas, enquanto 40,6% afirmam estar parcialmente satisfeitos, e apenas 12,5% afirmam estar totalmente satisfeitos. Percebemos, assim, que a maioria dos professores não está totalmente satisfeita com o tipo de avaliação realizada nas escolas, isso pode se justificar pela falta de autonomia que algumas escolas dão aos professores.

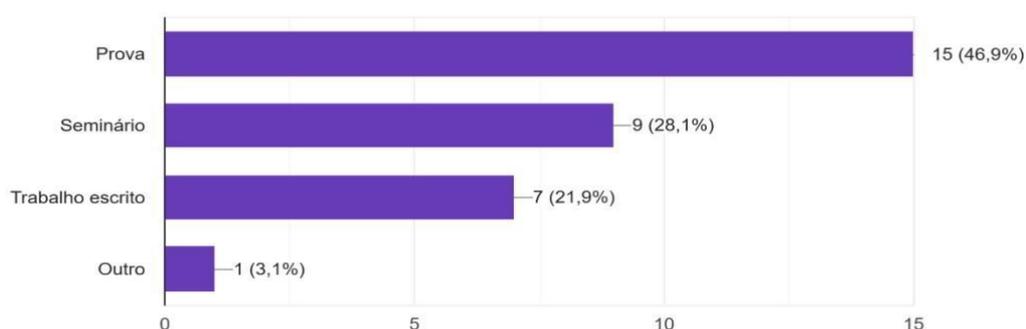
Dessa forma, é possível perceber que grande parte do professores demonstram satisfação quanto ao tipo de avaliação realizada nas escolas, tais avaliações que se constituem de provas. Vale ressaltar que não é a aplicação da prova que já define que o professor está fazendo uso de avaliação ou exame.

Jussara Hoffmann, uma referência na área da educação, aborda a avaliação como um processo contínuo, dialógico e formativo. Ela defende que a avaliação

deve ser mais do que um instrumento de mensuração de resultados, mas sim um meio para promover o desenvolvimento integral do aluno. Para Hoffmann, a avaliação precisa ser compreendida como uma prática voltada para a aprendizagem, focando na observação e no acompanhamento das trajetórias dos estudantes, em vez de se limitar a uma perspectiva classificatória.

Gráfico 2 - Instrumentos de avaliação mais utilizados pelos professores nas cidades de São Luiz Do Quitunde e Teotônio Vilela/AL - 2023.

32 respostas



Fonte: As autoras.

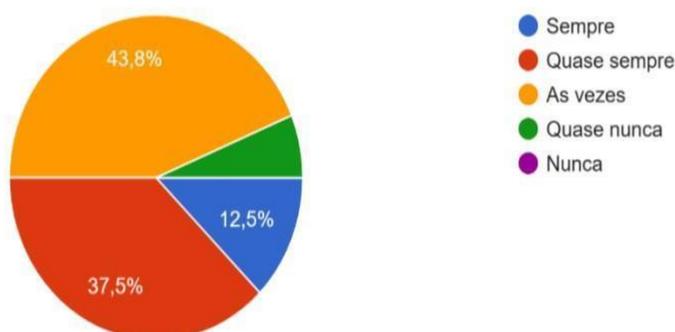
Ao voltarmos nosso olhar analítico ao Gráfico 2, evidenciamos que 46,9% dos professores ainda utilizam a prova como principal forma de avaliação, enquanto 28,1% fazem uso de seminário e 21,9% utilizam o trabalho escrito. Concluimos que a prova ainda é a principal forma de avaliação utilizada pelos professores.

Esse resultado pode ser justificado pelo fato desse método ainda estar muito enraizado entre os professores e, além disso, de acordo com as conversas com os professores, foi possível perceber que algumas escolas sugerem o uso desse instrumento como a principal forma de avaliar o aluno.

Hoffmann enfatiza que a avaliação deve ser humanizada, considerando o contexto de cada aluno, suas potencialidades e dificuldades. Ela também acredita que a prática avaliativa deve envolver a escuta ativa e a participação do estudante, permitindo que ele reflita sobre seu próprio processo de aprendizagem e contribua para um ambiente educacional mais colaborativo e inclusivo.

Gráfico 3: Frequência em que a escola incentiva outros métodos de avaliação além do exame nas cidades de São Luís do Quitunde e Teotônio Vilela AL - 2023

32 respostas



Fonte: As autoras.

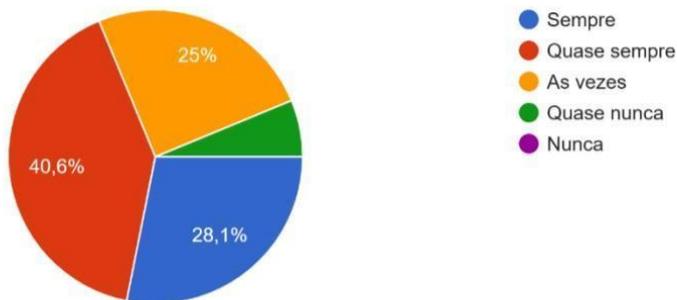
A partir do Gráfico 3, é possível perceber que 43,8% dos professores entrevistados recebem, às vezes, o incentivo; 37,5% relatam que quase sempre é incentivado e 12,5% afirma que sempre recebem o incentivo da escola a qual trabalha.

Dessa forma, é possível perceber que mesmo havendo o incentivo, seja com frequência ou não, muitos professores ainda usam frequentemente esse instrumento de avaliação, pois a aplicação de prova é algo que está capilarizado nas escolas.

Luckesi (1998) destaca que a escola pratica mais exames que avaliação, e que existe um grande equívoco entre examinar e avaliar, ele também argumenta que os exames estão aprisionados nos problemas, enquanto a avaliação tenta solucioná-los. Assim, é importante que o educador conheça essas diferenças e busque também outras formas de avaliação.

Gráfico 4: Frequência em que os professores utilizam “prova” como instrumento de avaliação nos municípios de São Luís do Quitunde e Teotônio Vilela AL – 2023.

32 respostas



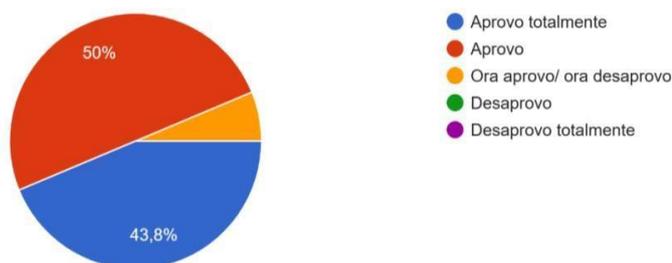
Fonte: As autoras

Ao analisar o Gráfico 4, é perceptível que 40,6% dos professores entrevistados quase sempre utilizam prova, enquanto 28,1% sempre fazem uso desse instrumento avaliativo e 25% relatam que utiliza às vezes. Dessa forma, comprova-se que tal instrumento avaliativo ainda é bastante utilizado. É importante destacar que, de acordo com o momento da entrevista com os professores, eles destacaram que a prova é o instrumento mais indicado pela escola.

É importante destacar que, segundo Luckesi (1998), o educador deve conhecer as diferenças entre avaliar e examinar, para que consigam usá-las de forma consciente, sendo assim, aplicar prova não seria errado, mas deve-se saber o que fazer com aquele resultado.

Gráfico 5. Grau de aprovação dos professores quanto a forma de avaliação por ausculta nas cidades de Teotônio Vilela e São Luiz Do Quitunde/AL - 2023.

32 respostas



Fonte: as autoras.

No Gráfico 5, constatamos que 50% dos professores aprovam a forma de avaliação por ausculta e 43,8% aprovam totalmente. Sendo assim, inferimos que a maioria dos professores apoia o método de avaliação aqui proposto. É importante destacar que foi, previamente, explicado aos professores do que se trata a avaliação como um processo de ausculta, e só depois eles responderam a quinta pergunta.

Assim, durante a conversa/entrevista com os professores e com base nos resultados do questionário, foi possível chegar à conclusão de que a prova ainda é o principal instrumento de avaliação utilizado nas escolas de ensino fundamental, anos iniciais. Não só por ser uma escolha do professor, mas também por ter um incentivo por parte da escola para utilizá-lo. Vale ressaltar também que o ato de aplicar uma prova não significa necessariamente que o professor examina seus alunos, logo, o que responde a essa problemática de avaliar ou examinar, é justamente o que ocorre depois dos resultados; se há uma correção conjunta, se são tiradas as dúvidas ou se a prova serve apenas para gerar nota, com o intuito de classificar ou desclassificar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa evidenciou que as afirmações dos autores citados ao longo do artigo em tela são totalmente reais e atuais, comprovando na prática o que foi afirmado em suas teorias. Alguns professores, inclusive, fizeram reclamações a respeito da falta de apoio para realizar as atividades, além disso, reconheceram que a prova ainda é sim o principal instrumento usado para receber o retorno da aprendizagem do estudante. Por tanto, é válido ressaltar que a utilização da prova não significa necessariamente que o professor toma para si caráter classificatório e eliminatório, mas sim o que o educador executa após os resultados.

No entanto, os professores revelaram, durante a entrevista, que a prova é o mais sugerido e até mesmo exigido pela escola. Bem como, problemas de estrutura física e a carência de profissionais especializados para a realização de avaliações diagnósticas dos alunos, citados pelos professores durante as conversas. Isso dificulta a utilização de metodologias que contemplem a avaliação na escola.

Tendo em vista que a prática da avaliação escolar nos anos iniciais desempenha um papel central no processo de desenvolvimento educacional, não apenas pela medição do desempenho dos alunos, mas também o acompanhamento do desenvolvimento das habilidades cognitivas e socioemocionais. É uma ferramenta essencial para entender como os alunos assimilam o conteúdo e, ao mesmo tempo,

um meio de auscultar (escutar ativamente) suas necessidades, dificuldades e potencialidades. Para analisar essa prática, é importante observar dois aspectos centrais, assim como também apresentados como objetivos.

O primeiro refere-se ao ato de relacionar a avaliação com o processo de ausculta, que por sua vez, diz respeito à capacidade do educador de escutar e interpretar as manifestações dos alunos, suas dúvidas, dificuldades, opiniões e até mesmo seus silêncios. No contexto da avaliação escolar, a ausculta vai além da aplicação de testes ou provas. Trata-se de um processo contínuo em que o professor observa e coleta dados sobre o desempenho e o comportamento do aluno, de maneira a adaptar suas estratégias pedagógicas. Tal ato, levando em consideração os resultados da pesquisa, se mostra escasso.

Esse processo de ausculta pode ser realizado por meio de uma observação diária, diálogos, avaliações diagnósticas, identificando assim as áreas em que os alunos necessitam de mais apoio ou os conteúdos que já dominam. Dessa forma, a avaliação não deve ser apenas um momento de verificação, mas uma oportunidade para o professor compreender as dinâmicas de aprendizagem e ajustar o ensino de acordo com as necessidades dos estudantes.

Como segunda problemática, destacamos o ato de conhecer de que modo os professores utilizam (ou não) a avaliação como ferramenta de ensino-aprendizagem. É possível perceber que a maneira que os professores avaliam seus alunos ainda é a avaliação primária, cujo principal objetivo é a atribuição de nota. Sendo assim, é de grande importância destacar a avaliação formativa, pois oferece informações em tempo real que permitem ao professor adaptar seu ensino para melhor atender as necessidades dos alunos.

Em suma, a avaliação escolar nos anos iniciais deve ser compreendida como um processo contínuo e dinâmico que envolve a ausculta ativa e que, quando usada de maneira adequada, pode ser uma poderosa ferramenta para o ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

FERRAZ, A. P. *et al.* A história do estetoscópio e da ausculta cardíaca. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 21, n. 4, p. 479-486, 2011.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981. 149p.

FURLAN, A. P. F. *et al.* A ausculta cardíaca é eficaz para o diagnóstico de sopros em crianças? - revisão de literatura científica. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 9288–9295, 2021. DOI:10.34119/bjhrv4n2-428. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/28752>. Acesso em: 6 mar. 2024.

HADJI, C. **Avaliação desmistificada**. trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HOFFMANN, J. Entrevista sobre Avaliação da Aprendizagem. **Mundo Jovem**. Edição 451. 2014.

HOFFMANN, J. **Avaliação: mito & desafio**: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Editora Mediação, 1991.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

LUCKESI, C. C. **avaliação da aprendizagem escolar**. 8. ed. são Paulo: Cortez editora, 1998.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 3 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

MORIN, E. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**.: Cortez Editora, 2014

SEEDF. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em Movimento da Educação Básica-Educação Infantil**, Brasília-DF, 2014.

SOUZA, E. C. C. *et al.* O Estetoscópio. **Revista de Ciências Médicas PUCAMP**. v. 3, n. 4, p. 112-118, set./dez. 1995.